

**VARIAÇÃO LEXICAL
EM SEARA VERMELHA, DE JORGE AMADO**

Maria da Conceição Reis Teixeira (UNEB)
mteixeira@uneb.br

RESUMO

No presente artigo, ancorados nos estudos lexicológicos e pautados em conceitos da Sociolinguística, almejamos tecer algumas considerações sobre as escolhas lexicais empreendidas pelo escritor baiano Jorge Amado, em seu romance “Seara vermelha” (1946), para designar aspectos dos *modus vivendi* do homem sertanejo. Uma leitura da referida obra na perspectiva lexicológica nos permite estabelecer a interseção entre o estudo do vocabulário com o conjunto de valores através dos quais se manifestam as relações entre indivíduos de um mesmo grupo que partilham patrimônios comuns como, por exemplo, a cultura, a língua e os costumes.

Palavras-chave:

Lexicologia. Jorge Amado. Variação lexical.

ABSTRACT

In the present article, anchored in lexicological studies and based on sociolinguistic concepts, we aim to make some considerations about the lexical choices made by the Bahian writer Jorge Amado, in his novel “Seara Vermelha” (1946), to designate aspects of the *modus vivendi* of the sertanejo man. A reading of the applied work from a lexicological perspective allows us to establish an intersection between the study of vocabulary and the set of values through which they manifest themselves as relationships between us in the same group that share common heritage, for example, culture, language and the costumes.

Keywords:

Lexicology. Jorge Amado. Lexical variation.

1. Introdução

É por meio da linguagem que o homem interage, assimila, perpetua e difunde os padrões culturais desenvolvidos por se e por seus semelhantes. O léxico, nível da língua que melhor registra os acontecimentos, permite que os membros de um grupo sócio-linguístico-cultural conheçam e possam fazer inferências a respeito dos fatores que condicionaram e condicionam a sua constituição.

Toda palavra comporta duas faces: precede de alguém e se dirige para alguém, constitui-se como produto da interação entre os interlocuto-

res dos processos comunicativos, conseqüentemente, a palavra está sujeita a variar de acordo com a cultura e a sociedade. Nessa direção, Antunes (2012, p. 47) afirma que “(...) as palavras têm a cor, o gosto da terra em que circulam, da casa em que habitam”. Daí, acreditarmos que umas das formas de se mergulhar na cultura de uma comunidade é enveredando pelos estudos lexicais.

Destarte, firmamos como um de nossos propósitos de investigação no campo da lexicologia realizar estudos do vocabulário documentado em textos produzidos na Bahia. No momento, encontra-se em desenvolvimento o projeto de pesquisa “Estudo do vocabulário de Jorge Amado”, do qual extraímos um recorte para ser abordado no presente artigo. Acreditamos que, ao produzir seu texto ficcional, o romancista traz para a sua narrativa os *modus vivendi* e *operandi* dos homens e das mulheres que habitam o espaço onde a trama transcorre. Uma leitura de um romance, por exemplo, na perspectiva lexicológica nos permite estabelecer a interseção entre o estudo do vocabulário com o conjunto de valores através dos quais se manifestam as relações entre indivíduos de um mesmo grupo que partilham patrimônios comuns como, por exemplo, a cultura, a língua e os costumes.

No presente texto, ancorados nos estudos lexicológicos e pautados em conceitos da sociolinguística, almejamos tecer algumas considerações sobre as escolhas lexicais empreendidas pelo escritor baiano Jorge Amado em seu romance “Seara vermelha” (1972 [1946]).

2. Ancoragem da análise lexicológica

Segundo Teixeira (2018), o homem está em constante processo de transformação. A língua é a condição *sine qua non* para a sua interação e para a assimilação dos padrões culturais do grupo social que faz parte e, conseqüentemente, sem o seu uso seria impossível desenvolver a essência da cultura. Cada língua está adequada à cultura em que se desenvolve, por esta razão, a língua, meio de comunicação entre os integrantes de um grupo, é essencial para a formação e consolidação da cultura.

As sociedades mudam, mudam-se os valores, as crenças e as formas de representá-los. A língua sendo o patrimônio cultural de um grupo e a forma de representar esse patrimônio também está sujeita à mudança. É ponto consensual entre os linguistas da contemporaneidade: todas as línguas, independentemente da quantidade de falantes e de sua estrutura,

estão sujeitas a fatores de mudança. Para a sociolinguística, a língua vive através da diversidade, ou seja, as línguas são heterogêneas e, como tal, estão sujeitas a variação.

Afirmam ainda alguns linguistas que o uso de um dado sistema linguístico pode ser condicionado por fatores linguísticos e extralinguísticos. Significa dizer que os condicionamentos que concorrem para o emprego de formas variantes são em grande número, agem simultaneamente e emergem de dentro (internas) ou de fora (externas) dos sistemas linguísticos. A heterogeneidade linguística não é fenômeno aleatório, pelo contrário, é estável e ocorre com certa regularidade, fato que possibilita seu estudo e sua descrição, segundo um método próprio e lastreado em uma teoria.

O estatuto social dos falantes - sua situação socioeconômica, seu grau de escolaridade, sua etnia, seu sexo - e as formas linguísticas variantes que ele utiliza são dimensões correlacionáveis de modo sistemático, revelando uma estratificação social das variantes. Além disso, observa-se também que o uso de cada variante não é homogêneo: o mesmo falante usa ora uma, ora outra, dependendo do contexto de fala em que ele se encontra - mais formal, menos formal; espontâneo, não espontâneo. É o que a sociolinguística variacionista chama de estratificação estilística das variantes.

Conforme Teixeira (2018), na investigação da língua, à luz dos fundamentos teóricos e metodológicos da sociolinguística, a amostra de língua é analisada, sempre que possível, distribuindo os falantes por diferentes faixas etárias, classe social, nível de escolaridade, gênero, por exemplo, para verificar se os condicionantes sociais exercem ou não influência sobre o uso de determinadas variantes. Segundo Tarallo (1986), por traz de um processo de mudança linguística há uma motivação social: as variantes estão distribuídas pela estrutura social e pelas situações de uso, recebendo diferente avaliação social, ou seja, podem avaliar positivamente uma variante e estigmatizar outra.

Dentre as variáveis internas encontram-se os fatores de natureza fono-morfo-sintáticos, os semânticos, os discursivos e os lexicais. Eles dizem respeito a características da língua em várias dimensões, levando-se em conta o nível do significante e do significado, bem como os diversos subsistemas de uma língua.

As línguas apresentam as contrapartes fixa e heterogênea de forma a exibir unidade em meio à heterogeneidade. Isso só é possível

porque a dinamicidade linguística é inerente e motivada. A variação é estruturada de acordo com as propriedades sistêmicas das línguas e se implementa porque é contextualizada com regularidade.

Segundo Tarallo (1986), a variação linguística pode ocorrer nos eixos diatópico – as alternâncias se expressam regionalmente, considerando-se os limites físico-geográficos – e diastrático – se manifestam de acordo com os diferentes estratos sociais, levando-se em conta fronteiras sociais.

Independente do eixo diatópico/geográfico ou diastrático/social, a variação é contínua e, em nenhuma hipótese, é possível demarcarem-se nitidamente as fronteiras em que ela ocorre. Entretanto, em conformidade com os estudos sociolinguísticos, devem ser levados em conta os recursos comunicativos próprios de discursos monitorados e não monitorados, o grau de isolamento geográfico e social, as relações sociais e as características das redes sociais e o grau de relação do falante ao meio, os estilos formais e informais na fala e na escrita em conformidade com o controle e o monitoramento da produção linguística, o plano da enunciação, isto é, o grau diferenciado de envolvimento dos falantes nos diversos gêneros discursivo-textuais.

As variantes de uma comunidade de fala encontram-se sempre em relação de concorrência: padrão versus não padrão, conservadoras versus inovadoras, de prestígio *versus* estigmatizadas. Em geral, a variante considerada padrão é, ao mesmo tempo, conservadora e aquela que goza do prestígio sociolinguístico na comunidade. As variantes inovadoras, por outro lado, são quase sempre não-padrão e estigmatizadas pelos membros da comunidade de fala.

A substituição de uma forma por outra é progressiva, mas nem sempre sistemática. As línguas por estar em constante complexo fluxo temporal de mutações e substituições podem partilhar características num certo domínio da sua gramática e conhecer divergências importantes num outro domínio. Nessa direção, os sociolinguistas varacionistas são unânimes ao afirmar que são os falantes mais jovens, com menor poder econômico e menor grau de instrução os responsáveis por implementar no sistema linguístico uma variante linguística nova.

Entretanto, a sociolinguística tem mostrado que atrás dum processo de mudança linguística não há só um quadro de variações, mas principalmente uma motivação social. Assim como as variantes estão distribuídas diferentemente pela estrutura social e pelas situações de uso,

assim também recebem elas diferente avaliação social. Alguns grupos de falantes, por exemplo, avaliam positivamente uma das variantes e estigmatizam a outra, o que abre perspectivas para sua eventual adoção ou rejeição. Nesse sentido, o que parece relevante para a mudança não é propriamente a função linguística de um elemento, mas antes a informação social veiculada por suas várias realizações.

Dito estas breves palavras sobre a concepção de língua pautada na perspectiva da Sociolinguística Variacionista, gostaríamos de sinalizar que o que se propõe aqui não é um estudo de natureza sociolinguística estrito sensu, apenas nos valem de alguns conceitos desta área do saber para lastrear nossas análises sobre a variação lexical documentada por Jorge Amado em seu romance *Seara vermelha*.

3. Breve análise da variação lexical em *Seara vermelha*

A linguagem, constituída de símbolos socialmente convencionados, integra a cultura que, a partir da internalização de um conjunto finito de elementos, cria e recria possibilidades de combinação, gerando novos sentidos. Os símbolos culturais, depois de criados e aceitos como convenção, possibilitam o diálogo e o entendimento do discurso do outro. É no constante movimento de consciência e pela materialidade simbólica da palavra que o homem se dirige a si próprio e ao outro. É neste jogo constante de transformação das estruturas simbólicas que o ser humano se apropria dos significados que compõem e sustentam determinados sistemas culturais.

É por meio da palavra que o homem se situa no tempo, lembrando o que ocorreu no passado e, em pensamento, planejando o futuro. E também por meio da palavra que o homem conceptualiza o mundo circundante, incorpora novos conceitos e atualiza outros. Ao nomear, o homem atribui significado à realidade e apropriando-se dela através do processo de categorização. A classificação dos objetos que o homem opera resulta em resposta única a uma determinada categoria de estímulos do meio ambiente. Segundo Biderman (1998, p. 88), “(...) a categorização supõe também a capacidade de discriminação de traços distintivos entre os referentes percebidos ou apreendidos pelo aparato sensitivo e cognitivo do indivíduo”.

Heller (1989. p. 17) afirma que “(...) a vida cotidiana é a vida do homem inteiro” e, por conseguinte, a verdadeira essência da substância social. Heller diz ainda que:

[...] Todos os homens, qualquer que seja sua posição na hierarquia social, vivem a cotidianidade. Nela colocam-se “em funcionamento” todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideais, ideologias. (HELLER, 1989. p. 17)

A matéria-prima do fazer literário e da história é o cotidiano. O produtor de texto ficcional conceptualiza o mundo a sua volta, a partir de sistemas constituídos, assim como opera todos os seres humanos. Ao produzir seu texto, inevitavelmente, faz reverberar todas as representações da sociedade as quais foram capturadas via seus órgãos sensores e por intermédio das mais variadas linguagens que acessou durante a sua tessitura de sujeito psíquico, social, cultural e linguístico. O discurso literário, ao mesmo tempo em que se alimenta de outros discursos literários, estabelece diálogos com os discursos históricos engendrados naquela e por aquela sociedade. Evocamos aqui Bakhtin (2004) que afirma que diálogo não significa apenas a comunicação entre duas pessoas; refere-se ao amplo intercâmbio de discursos, tanto na dimensão sincrônica como diacrônica, manifestados naquela sociedade.

Foi por meio da palavra que Jorge Amado se teceu enquanto sujeito social, em determinado Cronos e lócus, atravessado por outros tantos discursos. Natural, portanto, que, em “Seara vermelha”, posicione-se como crítico social, denunciando os problemas sociais, revelando nuances muito singulares das práticas sociais e culturais do homem sertanejo, do pequeno agricultor rural, que travam a luta diária em busca de seu sustento e o sustento dos seus.

A representação da cultura sertaneja empreendida por Amado se constitui em uma das principais fontes de identidade cultural do povo sertanejo, fazendo-os se sentirem mais próximos e semelhantes. Tal representação só foi possível através do uso da linguagem. O léxico é o nível da língua que faculta ao homem o acesso à representação do mundo circundante, permitindo a manifestação dos valores, das crenças, dos hábitos e dos costumes do grupo social no qual está inserido.

Para alcançar os objetivos traçados para o momento, selecionamos uma amostra do inventário das lexias designativas de elementos do sertão nordestino que integram o banco de dados do projeto de pesquisa “Estudo do vocabulário de Jorge Amado” em desenvolvimento. O recorte in-

tenciona apresentar, a título de exemplificação, algumas escolhas lexicais empreendidas por Jorge Amado ao urdir a sua narrativa ficcional.

Quadro 1: Algumas escolhas léxicas em *Seara vermelha* de Jorge Amado.

“Área coberta de plantas silvestres de diversos tamanhos e espécies”	CAMPO MATA MATO
“Nome do local onde se cultiva vegetais, grãos, cereais, tubérculos”	LAVOURA PLANTAÇÃO ROÇA
“Espécie de cacto nativo muito comum no nordeste brasileiro, de ramos lenhosos e espinhosos”	MANACARU XIQUEXIQUE COROA-DE-PADRE [COROA-DE-FRADRE]
“Espécie de animais venenosos que rastejam”	COBRA CASCABEL SURUCUCU JARARACA JARACUÇU CABEÇA DE PLATONA PICO DE JACA
“Acessórios usados para proteger a cabeça”	CHAPÉU DE COURO GIBÃO DE COURO
“Aquele homem que trabalha para o coronel, executados todas as tarefas que este ordena”	CAPATAZ CAPANGA CABRA CABRAS DE CORONÉIS
“Aquele mulher que têm o sexo como atividade laboral”	CABROCHA RAPARIGA

	MULHER DAMA MULHERES DA VIDA RAMEIRA
“Vestes dos sertanejos de baixo poder aquisitivo”	FARRAPO TRAPOS SUJOS.

Fonte: (AMADO, 1972)

Elaborado pela autora.

4. Considerações finais

No presente texto, buscamos, a partir da análise de uma amostra de itens lexicais recolhida de estudo ainda em desenvolvimento, apresentar, sucintamente, a variação lexical documentada no romance como um sistema de escolhas léxica operado pelo romancista.

Como é sabido, todo sistema linguístico detém um subsistema lexical o qual dispõe de um conjunto de itens lexicais que o usuário pode selecionar aqueles mais adequados às situações comunicativas, aos objetivos pretendidos e aos interlocutores com os quais interagem na vida em sociedade. Pois, não podemos perder de vista que a linguagem surge da interação entre os seres humanos, conseqüentemente, é determinada social e historicamente e varia de acordo com a cultura e a sociedade, por exemplo.

Por conseguinte, eleger um item em detrimento de um leque de outras possibilidades disponíveis no eixo paradigmático do sistema linguístico trata-se de escolhas léxicas realizada pelo usuário que, condicionado por aspectos internos e externos à língua, por fatores sociais, atravessado pelos valores, crenças, ideologias, seleciona uma lexia que melhor conceptualiza aquela realidade naquele Cronos e lócus da interação social.

Nessa direção, parafraseando Brandão (1994), podemos afirmar que a linguagem é, sem dúvida, um dos principais instrumentos de formação e representação do mundo cultural, revelando um lugar de confronto ideológico. Assim sendo, a língua não pode ser estudada “(...) fora da sociedade uma vez que os processos que a constituem são histórico-sociais” (BRANDÃO, 1994, p. 12).

Recorrendo mais uma vez a Biderman (1981), as unidades lexicais de uma dada língua são portadoras de significados e refletem os diferentes momentos da história de uma sociedade. Em função da dimensão social da língua, o léxico, juntamente com outros símbolos da herança cultural, é, por excelência, o patrimônio social da comunidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMADO, Jorge. *Seara vermelha: romance*. 27. ed. São Paulo: Martins, 1972.
- ANTUNES, I. *Território das palavras: estudo do léxico em sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2012.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. de Michael Lahud e Yara Frateschi Viera. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.
- BIDERMAN, M. T. C. A estrutura mental do léxico. In: _____. *Estudos de filologia e lingüística*. Homenagem a Isaac Nicolau Salum. São Paulo: T.A. Queiroz/Edusp, 1981.
- BIDERMAN, M. T. C. *Teoria Linguística* (lingüística quantitativa e computacional). Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.
- BRANDÃO, Helena N.. *Introdução à análise do discurso*. Campinas-SP: UNICAMP, 1994.
- FARACO, Carlos Alberto. *Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Ática, 1991.
- HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1986.
- TEIXEIRA, Maria da Conceição Reis. A românia antiga: o contato de culturas e a formação das línguas românicas. *Cadernos do CNLF*, vol. XXII, n. 03, Textos Completos. Rio de Janeiro: CiFEFiL. 2018. Disponível em: www.filologia.org.br/xxii_cnlf/cnlf/tomo01/011.pdf. Acesso em: 22 fev. 2021.